

Sob as luzes da Via Ápia

A Rua mais vibrante da Rocinha encanta tanto moradores quanto visitantes

PÁG 06



PÁG 03

Fiado? Só amanhã

A cultura do fiado e as novas formas de consumo na favela

PÁG 04

Estratégias de sobrevivência

Como é viver com um salário mínimo na Rocinha?

PÁG 05

Camuflada na maior do Brasil: a fome

Cerca de 3,8 mil famílias vivem em condições de extrema pobreza na Rocinha

PÁG 08

Envelhecer na Rocinha

Caminhando por memórias e sonhos na terceira idade

PÁG 10

Fé e religião unem moradores de diferentes crenças

Como a religiosidade atua na favela

PÁG 11

A voz do Palhaço Haroldo

“Vi as crianças nos celulares e descobri que ali acabou o palhaço”

O ESTRANHO MUNDO DA ROCINHA

Na Rocinha, onde a vida é uma luta constante, a economia e os direitos humanos estão entrelaçados em uma teia complexa. Aqui, cada beco, viela e rua contam uma história de desafios e oportunidades, onde os moradores batalham para sobreviver em meio à informalidade e à falta de recursos básicos.

A realidade é dura: empregos formais são raros, e muitos dependem de trabalhos informais para sustentar suas famílias. Mas essa informalidade vem com um preço alto, expondo os moradores à exploração e à falta de proteção.

Em meio a essas dificuldades, as favelas sempre criaram soluções para seus problemas. Empreendedores locais estão surgindo, criando pequenos negócios e iniciativas para atender às necessidades do morro. Também há muitos projetos sociais que, de algum modo, fazem mais pela favela do que o próprio Poder Público.

Em 1951, o Serviço Nacional de Recenseamento (atual IBGE) publicou os primeiros resultados do censo na revista O Observador Econômico e Financeiro. O título? “O estranho mundo dos morros - o censo retrata as favelas”.

Quase 75 anos depois, não há desculpas para olhar as favelas com estranheza. Promover o desenvolvimento econômico sustentável e garantir os direitos humanos nas favelas, são necessárias políticas inclusivas.

Por isso, esta edição impressa tem a economia sendo o ponto de partida. A cultura do fiado, os dramas da insegurança alimentar, a vibrante Via Ápia entre outros temas ocupam as nossas páginas como um grito de resistência.

Tenham uma boa leitura!

Rocinha na História



NA FOTO DE CHRISTINA BOCAYUVA, O GERENTE ROGER AZEVEDO

BANERJ DA ROCINHA FOI SUCESSO NOS ANOS 90

O Banco do Estado do Rio de Janeiro (Banerj) abriu a primeira agência numa favela, a da Rocinha, em novembro de 1989. A agência bancária ocupava uma casa simples de dois andares, no Caminho do Boiadeiro, e tinha nove funcionários. Em poucos meses, foram abertas mais de mil contas bancárias, segundo o gerente Roger Azevedo.

O chefe do setor de compensação da agência, Walter Amorim, ficou impressionado com o fato de nenhum cheque ter sido devolvido dois meses depois da inauguração. “Enquanto a Rocinha não teve problemas com cheques, o Banerj do Leblon acusou a devolução de 170 cheques sem fundos”, disse ele, em entrevista ao Jornal do Brasil.

Na foto de Christina Bocayuva, o gerente Roger Azevedo afirma que os clientes da Rocinha eram muito cuidadosos com as finanças, não gastando mais do que tinham.

EXPEDIENTE

DIRETOR DE REDAÇÃO E JORNALISTA RESPONSÁVEL
Michel Silva

COORDENADORA DE JORNALISMO E EDITORA-CHEFE
Tatiana Lima

EDIÇÃO E REVISÃO
Michel Silva
Tatiana Lima

REPORTAGEM
Amanda Pinheiro
Jaqueline Suarez
Jorge Oliveira
Karen Fontoura
Nathália da Silva
Oswaldo Lopes
Rodrigo Silva

REVISÃO FINAL
Valdete Lima

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Natalia S. Flores

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Rayana Chaves

FOTOGRAFIA
Cadu Paiva

David Souza

TIRAGEM
5.000

DISTRIBUIÇÃO
GRATUITA

PERMITIDA A REPRODUÇÃO DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA A FONTE.

EQUIPE FALA ROÇA



MICHEL SILVA



TATIANA LIMA



OSVALDO LOPES



KAREN FONTOURA



RODRIGO SILVA



MONIQUE SILVA



TAINARA LIMA



RAYANA CHAVES



ANDRE LUIZ

há 11 anos
ampliando vozes
da Rocinha



A cultura do fiado e as novas formas de consumo na favela

Por Amanda Pinheiro

Quem nunca precisou comprar algum item, mesmo sem dinheiro, e conversou para que o pagamento fosse feito depois? O chamado “fiado” é o que salva diversas famílias na hora do aperto. Sobretudo, em locais onde a vizinhança é conhecida e o comércio é bem avaliado pelos clientes.

Porém, para driblar o “fiado”? Só amanhã!, é preciso uma relação de confiança e lealdade, tanto para quem compra, que precisa pagar depois, quanto para quem vende, que precisa receber. Na Rocinha, essa cultura permaneceu por muitos anos e cada comerciante tinha sua forma de organização.

“A caderneta de fiados foi aberta com a loja”, afirma Marcos Souza, 60 anos, que tem um estabelecimento familiar, que funciona como bar, lanchonete e mercearia, perto da Dionéia, há um pouco mais de 50 anos.

“Existia uma caderneta para cada cliente, em que a gente anotava o dia e os valores das compras. Existia uma relação comercial, mas também tinha uma amizade com o cliente.”

E conclui: “Meu critério para essa prática era de proximidade ou indicação: pessoa batalhadora, respeitosa, com residência fixa há muitos anos ou informações de terceiros. Em alguns casos, eu sabia quem tinha uma situação financeira complicada, e o fiado ajudava naquele momento”, explica o comerciante.

As formas de organização das finanças são variadas. Enquanto uns preferem o velho e bom caderninho, outros se entendem melhor com as planilhas. É o caso de Antônio Rodrigues, conhecido como Toni, que há 26 anos tem uma loja de tortas, na Via Ápia. O comerciante, de 48 anos, detalha como mantinha a prática sem perder o controle financeiro.

“Minha tática era não deixar muita gente comprar fiado, só aquelas pessoas que eu conhecia, confiava e comprava com frequência. E como sou formado em técnico de administração, colocava tudo em uma planilha no excel para não me perder, por ser mais fácil”, conta Toni.

Sandra Quintela, economista, educadora popular e presidenta do Instituto Pacs e da Rede Jubileu Sul, faz um paralelo entre as grandes ações comerciais e o fiado.

“Os comerciantes precisavam confiar naqueles que compravam de outro estado, por exemplo, em casos de compra de grande escala. Então, toda essa relação de confiança faz parte até da própria história, da construção das relações sociais nesse campo da troca. É a confiança como base, como matéria-prima principal dessas relações de troca que depois virou comércio”, explica a economista.

O FIM DO FIADO, MAS NÃO DO CONSUMO

Com o passar dos anos, as formas de compra e venda mudaram. No Brasil, já existem mais cartões de crédito do que trabalhadores em idade ativa. São 190,8 milhões e 107,4 milhões, respectivamente, segundo o Relatório de Economia Bancária do Banco Central. Ou seja, mesmo sem dinheiro na hora, o consumidor consegue comprar, o que fez a prática do fiado diminuir ou até mesmo acabar, como aconteceu em diversos comércios na Rocinha. No entanto, fatores como a grande circulação de pessoas, o medo do calote, contribuíram.

“No comércio sempre existe a possibilidade do calote. Mesmo com a porcentagem baixa, se não houver um controle, é possível até a falência. Na Rocinha, por exemplo, muitos moradores antigos já não estão mais lá, existe uma alta rotatividade de pessoas e isso dificulta a confiança em vender fiado. Por isso, acabei com essa prática. Hoje, aceito cartão de crédito, débito e pagamento via Pix, o que já ajuda bastante”, reflete Marcos, que tem um contraponto levantado por Toni.

“O bom do fiado é que ele também fideliza os clientes. Apesar de hoje trabalhar com várias formas de pagamento, acredito que o fiado tem esse diferencial de fidelizar, porque pelo menos na favela, até onde vejo, o consumidor é apegado, então, ele volta”, conclui.

Em um determinado momento de aperto, a corretora de imóveis Jessica Ferreira foi uma dessas clientes que recorreu ao

fiado e conseguiu comprar alguns itens para fazer as refeições.

“Eu estava desempregada, fazia bicos e nem sempre tinha dinheiro para coisinhas do dia a dia. Principalmente para acrescentar nas refeições, como um tomate, um açúcar, um ovo e [o fiado] me salvou naquela época. Mas mesmo assim, não recomendo [risos]”, brinca.

A corretora está entre os 152 milhões de brasileiros que utilizam o PIX (dados da Web Automação). Lançado em 2020, a modalidade permite transferências instantâneas e sem taxas e, por isso, virou moda no comércio. Jessica defende a nova forma de pagamento e aponta os benefícios.

“O fato de grande parte do comércio na favela utilizar diferentes formas de pagamento ajuda muito porque, primeiro, se você tem dinheiro, às vezes não dá para fazer um saque, porque nem sempre os caixas 24h estão funcionando, além de alguns não terem todos os bancos. E, claro, o cartão de crédito, que mesmo sem saber como vamos pagar, por alguns momentos, conseguimos ter acesso às coisas do dia a dia, assim como o fiado fazia”.

Para Sandra Quintela, essas novas formas de consumo são importantes, porque fazem a economia girar na favela, mas é preciso ter atenção às finanças para não se endividar, já que o crédito, no caso, é um dinheiro que não se tem naquele momento.

“O PIX substituiu o dinheiro em espécie, o intuito dele é este. Mas, é preciso ficar atento, porque nesses momentos ele pode acabar mais rápido, ele não ganha essa materialidade que deveria ganhar. E o cartão de crédito é o dinheiro que não se tem naquela hora e que, por conta disso, traz um endividamento”, alerta Quintela.

Para ela, é preciso ter atenção mesmo parecendo semelhante ao endividamento do fiado. Cartão de crédito e fiado não são iguais. “O fiado traz a proximidade e mantém a relação e essas novas modalidades de pagamento trazem uma individualidade maior. Têm os dois lados e é preciso se organizar”, conclui.

ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA

Como é viver com um salário mínimo na Rocinha?

Por Nathalia da Silva

Para quem vive com um salário mínimo, o bolso aperta antes do fim do mês chegar. Aluguel, vestuário e higiene são alguns dos gastos mensais necessários para sobreviver. No entanto, o alto custo de despesas essenciais acende um alerta quando o assunto é custo de vida na favela: como é viver com um salário mínimo na Rocinha?

O salário mínimo foi criado para que o trabalhador formal dê conta dos custos de vida durante um mês. Porém, a realidade é bem diferente: o dinheiro não é suficiente para pagar as contas, também não sobra para momentos de lazer.

A localização privilegiada da Rocinha faz com que gastos básicos tenham um valor mais alto. Segundo a Fundação Getúlio Vargas (FGV), somente a alimentação das famílias cariocas consome mais da metade do valor do salário mínimo. Assim, viver com a quantia mensal de R\$1.412, tornou-se um desafio para muitas famílias.

Iris da Silva, de 56 anos, mora na Rua 1 e vive com um salário mínimo. Por ter uma doença renal e metade de um pé amputado, ela recebe o Benefício de Prestação Continuada, pago pelo governo desde 2013. A aposentada mora com a filha de 21 anos em uma casa própria. Apesar de não precisar pagar aluguel, as contas com alimentação, telefone, internet e transporte consomem a renda da casa.

“É difícil viver com um salário mínimo na Rocinha. Aqui as coisas são muito caras. Para alguém fazer algo pra você, tem que pagar. Eu moro na parte alta. Faço mágica para conseguir sobreviver. Às vezes, eu peço ajuda a um e a outro porque falta. É muito difícil”, desabafa Iris.

Por três vezes na semana, ela precisa se deslocar até à Clínica DaVita, em Botafogo, para fazer hemodiálise. O transporte é responsabilidade da clínica. No entanto, a alimentação não. Com a grana curta, não sobra um trocado para comer um lanche durante a consulta.

“O dinheiro nunca dura o mês todo. Ainda mais fazendo esse tratamento em que preciso comprar remédios, que o governo não dá. Tenho que colocar comida dentro de casa. Aí é difícil. Quando minha filha era mais nova, eu tentei o Bolsa Família, mas disseram que o dinheiro que eu recebia dava para nós duas. Na época, o salário era de R\$900”, lamenta Íris.

Essa dura realidade não é um caso isolado. Na Rocinha, de acordo com o IBGE, 76% das casas são chefiadas por mulheres com escolaridade até o ensino fundamental.

De acordo com um levantamento do Fala Roça feito em 2020, mulheres são mais afetadas pela falta de renda.

A situação de vulnerabilidade das famílias no Rio de Janeiro foi comprovada pelo Mapa da Desigualdade da Casa Fluminense. Elaborado em 2023, a pesquisa revelou que 50% da população no estado vive com menos de um salário mínimo.

O cenário de escassez traz à tona a importância de ações sociais que buscam diminuir o impacto da pobreza nas favelas. É o caso do projeto Missão Rocinha, que em parceria com o Hotel Nacional, entrega marmittas para os moradores da Rocinha por três vezes na semana.

A iniciativa surgiu durante a pandemia para suprir as necessidades de pessoas com baixa renda. Grécia Valente, uma das diretoras do projeto, conta que famílias com mais de quatro filhos, idosos e adultos enfermos são os mais atendidos. “Não há critérios para receber a refeição. Sendo que o Instituto em si tem contatos de moradores que necessitam mais do que outros. Essa ação se torna imprescindível na vida deles. Na Rocinha, a metade ou mais da metade do salário mínimo é para pagar o aluguel”, explica Grécia.

TETO E TRANSPORTE CAROS

O influenciador digital Ruan Juliet frequentemente produz vídeos sobre a vida na Rocinha. Em um desses vídeos, destacou que o custo médio de aluguel na Rocinha é de R\$850, o que representa mais da metade do valor de um salário mínimo, que é de R\$706. O gasto com transporte para o trabalho ou estudo, utilizando ônibus e metrô de segunda a sexta-feira, agora com o aumento do valor da passagem do metrô, representa um gasto médio adicional de R\$519,20.

Somando as duas despesas, o morador que vive apenas com um salário mínimo na Rocinha, tem que arcar com custo de vida de R\$1.369,20. Sobrando apenas R\$48 reais no bolso para pagar outros gastos com a sobrevivência, considerando o atual valor do salário mínimo.

“Uma das coisas mais difíceis da Rocinha é viver com um salário mínimo. Se você for alugar um quarto com banheiro custa \$600. Uma kitnet pode variar de R\$600 a R\$700. Uma casa com dois quartos, sala, cozinha, banheiro e laje custa cerca de R\$1000, mas se for em um lugar bom pode chegar até R\$1.500. Vamos supor que a pessoa ganha R\$1.300. Daí paga R\$600 de aluguel, R\$100 da internet, mais TV a cabo. Dá R\$770. Tem café da manhã, almoço, tem lugar que paga luz. Fica difícil”, explica Jorge Ricardo, agente imobiliário.

Levantamento do Departamento Intersindical de Estatísticas e de Estudos Econômicos (Dieese) revelou que, o valor mínimo de salário no Brasil, deveria ser

de R\$6.575,30. Quase cinco vezes mais que o valor atual.

Para Iris da Silva, o valor de R\$5.000 é suficiente para sobreviver na Rocinha. “R\$1.400 não dá não! Eu fui no mercado com R\$80. Eu estou sem nada praticamente porque não deu. Eu fiquei assim: ‘não venho mais ao mercado?!’. Não dá! Preciso pagar passagem porque os motoristas de ônibus da Rocinha não aceitam minha gratuidade, preciso pagar para alguém me acompanhar nos lugares. Aí você imagina como eu faço com esses R\$1.412?”, questiona Iris.

Segundo a Associação de Supermercados do Estado do Rio de Janeiro, a capital carioca iniciou 2024 com a terceira cesta básica mais cara do Brasil. Em fevereiro, o custo era de R\$791,77, superado apenas por Florianópolis R\$800,31 e São Paulo R\$793,39.

Ter onde morar, acessar transporte público e ter comida na mesa são direitos essenciais de todo cidadão. A desigualdade social é um fator limitante para ter uma vida financeira confortável. Manter um salário que impede o crescimento econômico é ignorar a vulnerabilidade social.



À ESQUERDA, IRIS DA SILVA, MORADORA DA RUA 1, NA PORTA DE CASA.

CAMUFLADA NA MAIOR DO BRASIL: A FOME

Cerca de 3,8 mil famílias vivem em condições de extrema pobreza na Rocinha

Por Karen Fontoura

Em meio à angústia da insegurança alimentar que assola diversos lares da Rocinha, uma moradora recorre ao grupo de WhatsApp em busca de ajuda. “Alguém sabe de algum lugar que doe cesta básica? Estou inscrita em três lugares e até hoje nada”.

A prática do fiado em pequenos comércios e a continuidade de projetos de distribuição de cestas básicas são vestígios da fome, que resiste ao tempo, e evidenciam a batalha diária de diversas famílias em busca do mínimo: comida para sobreviver.

O relatório do programa Territórios Sociais, divulgado pela Prefeitura do Rio, revelou que 5.328 famílias na Rocinha enfrentam insegurança alimentar.

A pesquisa abrangiu cerca de 24 mil moradores. No entanto, devido à densidade populacional, é provável que o número de pessoas em situação de insegurança alimentar seja ainda maior.

Mãe de três filhas nas idades de 3, 10 e 12 anos, a moradora da Rua 1, Luciana Silva*, de 33 anos, relata que o pagamento de aluguel consome R\$ 500 do auxílio que recebe do Bolsa Família, no valor de R\$ 850.

“Minha prioridade é o aluguel, depois a comida, e eu tô falando do grosso: arroz, feijão e farinha”, explica.

“Neste mês não caiu pensão, nem teve vendas [do crochê], me lasquei e veio a hora do desespero”, lembra ela. Durante o período da tarde, horário em que as crianças estão na escola, a autônoma aproveitava para sair e vender produtos artesanais. “Tem mês que vende e tem mês que não vende nada”, desabafa Luciana.

A persistência da fome e insegurança alimentar não se deve a um único fator, mas a uma complexa rede de situações cotidianas, incluindo abandono matrimonial e paterno, falta de apoio para cuidados infantis e exclusão de mães pelo mercado

de trabalho. Além disso, deficiências nas políticas públicas dificultam o acesso à moradia, saneamento, educação e saúde.

Para a psicóloga Laíza Sardinha, a fome no Brasil tem raízes históricas profundas, relacionadas à escravidão e à violência sistemática contra grupos invisibilizados, como indígenas e negros escravizados. “Determinados grupos estão muito mais expostos a violências. A fome ela não é um acaso, ela não é falta de esforço, ela é e precisa ser compreendida enquanto um projeto político”, denuncia.

NA LINHA DE FRENTE

Projetos sociais que oferecem cestas básicas ou cartões de alimentação são alternativas vitais para garantir comida nas mesas. Maria Gomes, de 40 anos, colaboradora do Instituto Sempre em Movimento, destaca: “Toda vez que visitamos uma casa carente de comida, eles dizem: ‘Deus enviou vocês!’. São famílias que carecem de assistência social e vivem com insegurança alimentar”.

De acordo com um estudo feito pela organização que deu vale-alimentação de R\$120 a R\$80 para famílias da Rocinha por 5 meses, muitos idosos e mães solteiras na favela sofrem com a falta de comida. “Mães negras, mães solo com mais de um filho, que pagam aluguel e idosos, são os mais vulneráveis”, conta Maria Gomes.

FATORES QUE AGRAVAM A INSEGURANÇA ALIMENTAR NA ROCINHA

Outro dado do relatório do programa Territórios Sociais mostra que 3.861 famílias vivem em extrema pobreza na Rocinha e não eram cadastradas no Cadastro Único para Programas Sociais (CadÚnico), o que dificulta o acesso aos benefícios governamentais para pessoas de baixa renda.

“Esse cartão [de alimentação] me ajuda muito, especialmente agora que minha filha [de 16 anos] está enfrentando um momento difícil com tuberculose”, explica Francisca Silvestre, diarista de 49 anos, moradora da Macega. Ela vive com o companheiro e mais 4 crianças e é beneficiada pelo Instituto Sempre em Movimento.

Quando os idosos e as mães não conseguem trabalhar, as famílias ficam em uma situação ainda pior. Eles precisam muito de dinheiro extra e buscam maneiras de consegui-lo. Para as mães, encontrar vagas em creches e escolas é muito difícil. Além disso, o horário limitado desses

serviços públicos é mais um problema na luta delas para sobreviver e garantir comida para a família.

“Eu queria muito arrumar um emprego, mas não consigo! Não posso deixar a responsabilidade para a mais velha de ficar com a irmã de 10 anos e a bebê. Onde é que eu vou botar?”, questiona Luciana Silva*.

Para os idosos aposentados, que recebem uma renda de apenas R\$1.421, pagar por remédios, aluguel e comida se torna muito difícil. Muitos precisam procurar trabalhos informais, como fazer serviços domésticos ou bicos na Rocinha, como carregar materiais.

“Os idosos vivem com salário mínimo e tem uma vida precarizada porque a maioria do salário fica nos remédios, então, comem salsicha ou outras comidas processadas. Isso não é comida para idoso”, opina Delma Souza, de 58 anos, moradora da rua 3, massoterapeuta e cuidadora de idosos.

PRATO VAZIO, MENTE DOENTE

Quando as famílias enfrentam fome e insegurança alimentar, não é só o corpo que sofre, mas também a mente. Sem ter o suficiente, para comer, os adultos da família, geralmente as mães, têm que explicar para as crianças por que não têm comida suficiente e por que estão passando por dificuldades financeiras.

“Elas me pedem as coisas e eu não posso dar. Minha filha mais velha começou a vender sacolé na rua depois da escola pra comprar as coisinhas dela”, conta a Luciana Silva, de 33 anos.

Ela acha que a decisão da filha de trabalhar tão nova, com apenas 12 anos, mostra que a menina já entende que a família está em uma situação difícil. E ela diz: “O pai pega [a filha] quando ele quer e quando o convém. Estou dormindo agora só tomando remédio, antes eu não era assim, mas se não tomar meus remédios, minha cabeça fica a mil”.

*Nome fictício para preservar a identidade.

A Rua mais vibrante da Rocinha encanta tanto moradores quanto visitantes

Por Jorge Oliveira e Karen Fontoura

O fervo comercial faz da Via Ápia uma espécie de Saara do morro. De dia, centenas de moradores, turistas e pessoas da cidade caminham por seus 200 metros de comprimento para visitar as cerca de 25 lojas e barracas gastronômicas, em meio ao intenso vai e vem de motos e carros.

À noite, a Via Ápia se torna-se um *point*, que reúne pessoas de todas as idades, atraindo moradores e visitantes de regiões da cidade para desfrutar um rolê na favela.

A região já foi apelidada como “Baixo Rocinha” pelos visitantes, de outros bairros do Rio, que possuem os “baixos famosos”: áreas com bares e barracas gastronômicas abertos em horário noturno — localizados em bairros nobres ou do asfalto suburbano de classe média do Rio. Mas, os crias da Rocinha insistem: não é “Baixo Rocinha”, o nome do rolê do morro é “Via Ápia”.

Seja como for, a boemia carioca favelada toma conta da rua lotada de bares, que se estendem por toda a Via Ápia, com mesas e cadeiras espalhadas pelo calçadão das lojas fechadas. Enquanto os frequentadores, aproveitam o ambiente descontraído sentados ou em pé mesmo, bebendo uma caipirinha ou cerveja gelada, em meio à mistura de sons de grupos animados.

A Via Ápia dá nome a fama da Rocinha ser a favela que nunca dorme na zona sul do Rio, aos pés do Morro Dois Irmãos e do Morro Cochrane. “Aqui tem vários tipos de ambiente: tem um forrozinho ali do lado, tem o rapper aqui do outro, tem hambúrguer, a cervejinha... E depois de um longo e cansativo dia de trabalho, a única coisa que a gente quer é descansar e botar o papo em dia”, afirma Debora Sousa, de 22 anos, moradora do Boiadeiro.

A agitação, que persiste 24 horas por dia, é impulsionada culturalmente pelo público diversificado, que preenche as ruas. Sejam moradores voltando do trabalho ou turistas e visitantes curiosos à procura de diversão nas favelas do Rio. O mix de gente traz uma atmosfera não só animada, como acolhedora para uma das maiores favelas do Brasil e a maior do Rio de Janeiro.

“A gente pode se sentir à vontade e ficar tranquilo com os amigos também. Têm muitas opções de restaurante, bares, o ambiente é agradável, as pessoas são

agradáveis”, detalha Milleny Alves, de 21 anos, moradora da Rua 2. Segundo crias e visitantes, a farta variedade de opções de lanche e comidas oferecem ainda uma experiência gastronômica única.

O calor e a sensação térmica de 60°C no “Hell de Janeiro” (inferno em inglês) também influencia a dinâmica da rua como espaço de lazer. Aos domingos, o pós-praia do morro é na Via Ápia, ponto de parada para almoçar ou “para começar os trabalhos”, conforme dita a gíria carioca, utilizada como sinônimo de convite para apreciar uma cerveja bem gelada.

Cada bar ao longo da rua toca uma variedade de gêneros musicais: dos clássicos do forró, passando pelo pagode, sem esquecer o funk. O clima mantém a animação do público, mas também atrai a atenção de quem antes estava só de passagem.

“É acolhedor pela diversidade que tem a Rocinha, por ser uma favela muito visada, cada bar colocar sua estrutura de música e colocar sua cerveja, o bom atendimento, sem os preconceitos que tem por aí, por fora”, opina Luiz Fernando Souza, de 32 anos, frequentador da Via Ápia e morador da Ladeira dos Tabajaras, em Copacabana.

TRABALHO E RENDA

A vida noturna na Rocinha também é marcada pelo aumento do número de barracas de lanches, oferecendo uma variedade de opções como caldos, hambúrgueres e churrasquinhos, e impulsionando a economia local. O agito do plantão da noite é parte da rotina de trabalho de Juliana Moraes de Lima, de 29 anos, dona da barraca Hambúrguer da Ju, localizada no começo da Via Ápia.

Há três anos ela acompanha o crescimento cada vez mais acelerado da rua. “A Via Ápia é minha segunda casa, né!? Fico mais aqui do que em casa”, revela aos risos.

E completa: “Hoje em dia a população é muito maior do que era antes, entendeu? Temos lojas antigas que foram reformadas e isso chama a atenção das pessoas. A gente vê que as coisas vão crescendo, vão mudando”, explica a empreendedora.

O fortalecimento econômico da popularização da Via Ápia desempenha um papel crucial na vida dos moradores locais, que encontram oportunidades de emprego e uma forma de empreender na favela.

Para Juliana, as contínuas reformas de lojas realizadas por comerciantes da Via Ápia transformaram a rua em uma “Avenida, tem de tudo” dentro da Rocinha.

Com isso, as reformas trouxeram a oportunidade de expansão dos negócios para empreendedores de outros lugares da Rocinha. É o que aconteceu com ela que, abriu o primeiro empreendimento no Laboriaux e, posteriormente, migrou para a rua mais badalada da favela. “A população daqui incentiva muito a gente a continuar. Não é mole abrimos nosso próprio negócio, uma hamburgueria. É correria, mas graças a Deus, as pessoas acreditam no nosso trabalho”, comemora Juliana, mais conhecida como “Ju”.

Gustavo Rodrigues, 27 anos, morador da Dioneia e proprietário de uma empresa de turismo, também viu o crescimento da vida noturna da Via Ápia como uma oportunidade de abrir o próprio negócio. “A experiência aqui é única! Quando eles [estrangeiros] chegam na Rocinha, vêem muitas pessoas se manifestando culturalmente, dançando... Eles se sentem muito acolhidos e curtem muito o funk, que não tem em outros países”, conta o guia local. Por meio da realização de visitas guiadas na favela em eventos de entretenimento na Via Ápia, ele conseguiu concretizar o sonho de adquirir a casa própria.

Porém, há quem discorde. Alguns comerciantes garantem que, a popularização da Via Ápia, não significou aumento de vendas e renda, pois muitos clientes que param para comprar lanches são trabalhadores a caminho de casa, e não frequentadores em busca de diversão.

A localização das barracas também influencia diretamente na oportunidade de crescimento dos negócios. As lojas de comida situadas nas extremidades da rua, por exemplo, são menos procuradas em comparação com aquelas que ficam no miolo do fervo. Principalmente, durante a semana, quando o fluxo de pessoas é menor.

Seja como for, a diversidade de experiências oferecidas na Via Ápia contribui para a riqueza cultural e econômica da Rocinha, e sem dúvida, é um destino imperdível para quem busca uma vida noturna animada e autêntica de favela no coração da pulsante da maior do Rio.

ÁPIA

Um lugar de afetos

O Fala Roça decidiu bater perna na Via Ápia na busca por histórias e pontos de vista dos moradores locais e visitantes que frequentam esse ponto boêmio da Rocinha. O bate-papo com o público frequentador do *point* confirmou a percepção de “ambiente acolhedor”, que tornou a vida noturna da Via Ápia um lugar para viver uma experiência singular dentro do Rio de Janeiro.

Para todos, perguntamos: “Por que você frequenta a Via Ápia?” e “O que diferencia a Via Ápia de outros lugares do Rio?”. As respostas revelaram a rua como um local de afeto de amigos, famílias, moradores e até visitantes que já tornaram o rolê na Via Ápia a “boa da noite”. Confira!

66 Sou nascida e criada numa favela. Aqui é o lugar onde eu me sinto à vontade e que eu conheço, eu posso ser quem eu sou, posso falar alto, recebe todo mundo, do gringo ao morador. É engraçado que depois de um tempo, você percebe como é estreita a passagem [na Via Ápia], mas passa gente, moto, todo mundo junto (rs).

Até hoje, mesmo vindo aqui por muitos anos, eu acho loucura. Eu fico pensando para quem vem pela primeira vez”.

JESSICA MONTEIRO,
33 anos, cria do Vidigal,
hoje mora em São Paulo



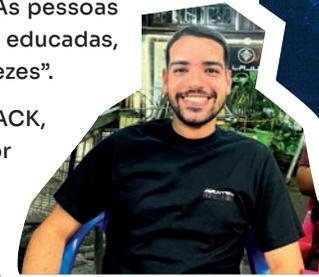
66 A Via Ápia tem diversos lugares diferentes com várias culturas, num lugar bem pequeno. Eu encontro pessoas com a minha *vibe* e energia. Aqui me sinto em casa. Eu conheço as pessoas e as pessoas me conhecem, eu me sinto bem mais confortável. Tem restaurantes nordestinos, italianos e coisas locais, japonesas... vários lugares dentro de um só”.

EWERTHON MENDES,
22 anos, morador da
Roupa Suja



66 Aqui você encontra de tudo, literalmente! Desde o pobre, o rico, a pessoa que gosta de samba como eu, até a pessoa do forró. É um ambiente familiar! A gente não vê perigo nenhum de estar aqui. É tudo que a gente quer, né? Segurança e felicidade. A gente se sente acolhido. Eu vim de muito longe, lá da Zona Oeste, morar aqui. A Rocinha acolhe todo mundo. Você sai na rua e tem milhões de pessoas, não tem um dia que você não vê gente na rua. Pode passar 4 horas da manhã que tem muita gente. Antes de vir morar aqui, eu sempre frequentei o morro. Eu acho aqui um lugar à parte do Rio de Janeiro. Nunca vi isso como um bairro dentro do Rio, é um país dentro do Rio de Janeiro. As pessoas são diferentes e, educadas, na maioria das vezes”.

VINICIUS KONDACK,
25 anos, morador
da Curva do S



66 No Vidigal, infelizmente não tem nada de entretenimento. A essa hora só têm para as pessoas mais ricas. Os playboys vão pra lá, pro Bar do Arvrão ou Bar da Laje, e como eu sou de baixa renda, CLT, venho para a Rocinha para curtir um som e encontrar os amigos. Amo estar na Rocinha, gosto muito da Rocinha e sou casado com uma mulher da Rocinha”.

DIOGO BRUNO DA SILVA,
35 anos, morador do Vidigal



66 O ambiente é agradável, as pessoas são agradáveis, eu gosto muito. Acredito que o preço é acessível, que dá no bolso de todo mundo. É um lugar onde as pessoas da favela e de fora podem vir, curtir, sabem que é bom e tem um monte de coisas para diversos gostos”.

MILLENY ALVES,
21 anos, moradora da Rua 2



ENVELHECER NA ROCINHA

Caminhando por memórias e sonhos na terceira idade

Por Jaqueline Suarez

Nosso ponto de encontro foi a praça em frente ao Centro Municipal de Cidadania Rinaldo de Lamare. O local é frequentado quase diariamente por minhas três entrevistadas: Maria Dalva de Oliveira, de 77 anos, Lindacy Menezes, de 66, e Márcia Maria Silvestre, de 63. Elas participam da Casa Naná, um espaço de convivência para as pessoas idosas, que funciona no 11º andar do prédio. A casa promove diversas atividades, desde a prática de dança e ginástica, até jogos e aulas de artesanato. Tudo isso de forma gratuita.

A interação com outras pessoas, o lazer e o aprendizado de novas habilidades, produzem efeitos não só na autoestima de quem frequenta a Casa Naná, mas benefícios na saúde física e mental. É o que mostra as histórias de Maria Dalva, Lindacy Menezes e Márcia Maria Silvestre: o envelhecimento pode ser bem vivido. Inclusive, dentro da favela, aqui na Rocinha.

No Brasil, consideradas pessoas idosas os cidadãos com 60 anos ou mais. Essa população está crescendo e se tornando cada vez mais representativa. Em 2010, eram cerca de 20,6 milhões de idosos no país. Apenas na capital são cerca de 1,3 milhão de pessoas idosas, o que representa 20% da população da cidade do Rio.

São várias as formas de viver a velhice. Há quem prefira passar a tarde em frente a TV, opte por embarcar em excursões para conhecer novos lugares ou precise trabalhar para sustentar a si próprio, ajudar os filhos ou netos. Uma conversa sobre as pessoas idosas precisa deixar para trás alguns estereótipos e entender que esse grupo é tão diverso quanto qualquer outro.

“Eu tenho um encontro da terceira idade no Palácio do Catete. Lá tem uns senhores que fazem música ao vivo, tocam canções mais antigas. Quando não está chovendo, eu passo minha tarde de sábado

lá”. Além de encontrar amigos, Dalva afirma que por lá, também faz novas amizades. Aos 77 anos, o encontro é apenas uma das atividades que a aposentada mantém na rotina. Ela “bate ponto” na Casa Naná de segunda a sexta-feira, há 20 anos.

“Essa casa me fez viver! Minha segunda casa é esse lugar”, diz.

Dalva também participa de aulas de hidroginástica no Complexo Esportivo da Rocinha. A atividade se tornou ainda mais importante depois que o joelho começou a sofrer com os efeitos da artrose. Ela garante que a rotina movimentada reverbera na saúde mental. “Eu não me sinto bem ficando dentro de casa. Se você tem toda essa atividade, você já acorda feliz, acorda com planos”, opina.

Mas ela sabe que, para manter essa rotina, nem sempre apenas ter vontade é o suficiente. Dalva vive em Vila Canoas, uma favela em São Conrado, mas conhece bem a Rocinha. Além dos amigos e parentes que vivem no local, ela mesma já morou na Rocinha quando criança. Porém, quando a idade vai se somando, as ladeiras e escadarias vão se transformando em obstáculos.

“Tem muitas amigas minhas que não têm condição de estar saindo e, por causa do meu problema de artrose, eu não consigo ir na casa delas porque tem muita subida”, explica. “Quanto mais em cima, mais difícil é”, conclui.

AUTOCUIDADO E COLETIVIDADE

“Eu aprendi a sobreviver pela Márcia, aprendi a me amar”. É o que garante Márcia



AOS 77 ANOS, MARIA DALVA FREQUENTA A CASA NANÁ DIARIAMENTE.

Maria Silvestre, de 63 anos, que diz não ter aprendido essa lição do dia para a noite. Foram quase 13 anos lutando contra o vício em drogas como o álcool. Aos 28 anos, deu um passo decisivo para mudar o rumo de sua história. Ela entrou para um grupo dos Alcoólicos Anônimos e, com isso, conseguiu deixar o vício para trás.

“É um grupo que existe há mais de 45 anos dentro da Rocinha. Meu pai fazia parte e, depois de um tempo, eu assumi”, conta ela, que participa há 35 anos da irmandade. Nasceu e criada na Rocinha, Márcia mora na Rua 2, e conta que o passado conturbado trouxe sabedoria para ajudar outras pessoas.

Por muitos anos, trabalhou com projetos sociais dentro da Rocinha. Fala com carinho sobre o projeto Curumim, direcionado ao atendimento de crianças e adoles-

centes moradores da Rocinha e, também, em situação de rua. Eram meninos e meninas considerados “problemáticos”. “Eu fui considerada uma criança difícil, uma adolescente problema. Aprendi a lidar com eles por conta dessa vivência”, explica.

Hoje aposentada,, ela ainda faz trabalhos voluntários e está sempre ajudando outras pessoas: “consigo cesta básica para um, remédio para outro... Eu sempre estou ativa”. Ela conta que todo esse movimento traz ânimo e motivação, e produz efeitos no seu bem-estar. “Eu não paro! Sempre tem alguém batendo na minha porta falando que tá precisando de alguma coisa. Isso também me ajuda, me faz bem saber que sou útil”, pondera.

Nesse período, Márcia viu a Rocinha e entorno se transformarem. “Isso aqui”,

☎ 21 97995-1000

Delivery a partir das 17hrs
até 01hrs da manhã.

Via Trattoria

O restaurante da Rocinha que mistura os melhores sabores do Brasil e da Itália!

Pizzas | Massas | Carnes | Aperitivos | Drinks

Todos os dias a partir das 11h30 | Via Ápia, N° 23 | @ @viatrattoria

#vemprovia

E diz orgulhosa: “são 63 anos dentro dessa favela”.



NASCIDA NA ROCINHA, MÁRCIA SILVESTRE, LEMBRA AS TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NA FAVELA

aponta para as avenidas em frente ao Rinaldo de Lamare, “não tinha nada, era mato”. Márcia é da época que não existia túnel. Ela viu, aos pouquinhos, as casas de madeira e estuque (um tipo de mistura que parece barro) darem lugar às atuais casas de alvenaria. O surgimento de um comércio aquecido está entre as mudanças que ela mais valoriza. “A Rocinha fica 24 horas no ‘ar’ e o que a gente precisa tem: lanchonete, bar, farmácia, mercado... Tudo isso funcionando 24 horas”.

SONHOS E REALIZAÇÕES

As pessoas idosas também planejam e realizam sonhos. Lindacy Menezes sabe bem disso. Aos 66 anos, ela está voltando à escola. “Parei de estudar quando era jovem. Depois, aqui na Rocinha, eu voltei, mas por conta de problemas em casa, eu precisei parar novamente. Mas esse ano eu volto”, garante animada.

O retorno aos estudos é mais um capítulo de uma história cheia de reviravoltas. Filha de pais desconhecidos, Lindacy foi criada por uma mãe adotiva no Recife. Tinha apenas 9 anos quando começou a trabalhar como empregada doméstica e o

ofício a trouxe para o Rio de Janeiro. Chegou aos 18 anos e aqui conheceu o atual companheiro, com quem está casada há 48 anos. Juntos, foram viver na Rocinha, onde Lindacy criou os três filhos enquanto trabalhava como empregada doméstica.

Moradora da Cachopa, ela conta que a literatura hoje é seu maior prazer, descoberto por acaso. “Vi um anúncio na televisão. A feira literária estava selecionando pessoas que queriam escrever”, lembra. Foram 9 anos participando do grupo de escritores da Feira Literária das Periferias, a FLUP. “Eu comecei a escrever textos, tinha muita facilidade”, destaca Lindacy, que teve vários de seus contos publicados em coletâneas, junto a textos de outros escritores.

“Hoje meu negócio é a literatura, eu fico atrás de evento, de sarau. Isso é o meu lazer”, afirma Lindacy

A publicação do livro “Destino Desviado”, em 2022, foi a realização de um sonho que Lindacy sequer havia sonhado. “Eu nunca tive a intenção de um dia ser uma escritora, porque eu nem sabia o que era ser uma”. O desejo em contar a própria história nasceu da esperança de, um dia, conseguir alguma informação sobre a origem dela. “A minha intenção era contar minha história e, de repente, alguém conhecer, saber quem são os meus pais”, ressalta.

Quando a entrevista terminou, Lindacy me entregou um presente. Era um livro. “Aqui você vai conhecer toda a minha história”, afirmou. Perguntei sobre esse ser o grande orgulho dela, que me abriu um grande sorriso. Sem saber mexer no computador, o livro foi todo escrito à mão

em um caderno e só depois digitalizado. O processo lembra a história da escritora Maria Carolina de Jesus, que teve o diário “Quarto de Despejo” publicado em 1960.

No caso de Lindacy, a transformação dos escritos dela em livro e, a impressão de algumas edições, só foi possível por conta de um edital. Ela se inscreveu com ajuda de amigos. Quando sai de casa, costuma ter na bolsa alguns exemplares. “Eu quero é distribuir a minha história”, resume.

PARTICIPAÇÃO E DESAFIOS

Pouco mais de 67 mil pessoas vivem na Rocinha, segundo o Censo (2022) do IBGE. Por diversos fatores, o levantamento não consegue refletir com exatidão o número e o perfil da população que vive nas favelas. Mas, ainda assim, esse dado ajuda a dimensionar o tamanho da Rocinha. E, a partir disso, a gente se pergunta: qual a participação das pessoas idosas nesse território?

Por meio da Lei de Acesso à Informação (LAI), perguntamos à Secretaria Municipal de Saúde do Rio, informações acerca das pessoas com 60 anos ou mais cadastradas nos postos de saúde e clínicas da família,

que atendem à área. Com base nesses dados, estima-se que 14.702 pessoas idosas vivam na Rocinha, de modo que esse grupo representaria quase 22% da população do território. As mulheres são maioria (8.502) e a diferença entre elas e os homens cresce conforme avança a idade. Entre as pessoas com 90 anos ou mais, o número de mulheres é mais do que o dobro: 269 versus 104.

Para se envelhecer é preciso estar vivo. E, para envelhecer com qualidade de vida, a condição financeira e o acesso a serviços são determinantes. Consultas e tratamentos médicos, hábitos alimentares, saneamento e água, acessibilidade e transporte, além de uma rede familiar estruturada são fatores decisivos para uma pessoa viver melhor e viver mais.

O Mapa da Desigualdade, realizado pela Casa Fluminense, traduz isso em dados. Um dos indicadores compara a idade média ao morrer por município. A pedido do Fala Roça, a Casa Fluminense reduziu o recorte e gerou esse mesmo dado considerando os bairros do Rio. Na Rocinha, a idade média ao morrer é de 58 anos, enquanto em São Conrado, bairro vizinho, 77, uma diferença de 19 anos. Isso significa que mesmo geograficamente próximo, as pessoas vivem, em média, quase duas décadas mais no asfalto de São Conrado.

Vários fatores contribuem para a criação desse abismo, mas a gente sabe que o aspecto econômico é o principal, porque ele delimita o acesso a serviços e determina as condições de vida das pessoas. Por isso, não é coincidência que favelas e periferias tenham uma expectativa de vida menor do que em bairros mais ricos. São as desigualdades sociais e financeiras se materializando, também, na vida e na morte das pessoas.

Segundo a Secretaria Municipal de Assistência Social, por meio da LAI, 3.840 pessoas idosas, residentes na Rocinha, estão cadastrados no Programa Bolsa Família até janeiro. Destes, um a cada quatro declararam uma renda per capita de até R\$218.



LINDACY MENEZES, DE 66 ANOS, ENCONTROU NA LITERATURA UMA PAIXÃO

IDADE MÉDIA DE MORTALIDADE NOS BAIRROS DO RIO DE JANEIRO

A média de idade foi MAIOR nos bairros:		A média de idade foi MENOR nos bairros:		As maiores diferenças na média de idade ao morrer entre BRANCOS e NEGROS foram nos bairros:	
IDADE	BAIRRO	IDADE	BAIRRO	IDADE	BAIRRO
83	Joá	51	Cidade Universitária	23	Joá
82	Jardim Botânico	52	Campo dos Afonsos	22	Lagoa
82	Ipanema	56	Itanhangá	21	São Francisco Xavier
82	Flamengo	58	Rocinha	20	Vila Kennedy
81	Leblon	58	Complexo da Maré	18	Praça da Bandeira
80	Copacabana	59	Acari e Costa Barros	18	Ipanema

FONTE: SISTEMA DE INFORMAÇÕES SOBRE MORTALIDADE ANOS - SIM (2023)/CASA FLUMINENSE

FÉ E RELIGIÃO UNEM MORADORES DE DIFERENTES CRENÇAS

Como a religiosidade atua na favela

Por Aline Campos e Ana Beatriz Tonelli

O perfil religioso da Rocinha é extremamente diverso. Há católicos, evangélicos, espíritas, candomblecistas, umbandistas e budistas pela favela. Em certos casos, mais de uma religião compõem a manifestação de fé de uma mesma pessoa.

O papel da religiosidade na favela vai além da função espiritual. Os templos ocupam lugares esquecidos pelo Estado. O instituto de pesquisa (Ipsos) aponta que no Brasil, 89% da população acredita em Deus ou em um poder maior. Na favela esta crença está ligada diretamente à organização social em meio a desigualdade.

A Casa Espírita Cristã Maria de Nazaré, por exemplo, atuou pela primeira vez na Rocinha em 1962 ao levar auxílio médico para uma mulher com depressão. Vinte anos antes do posto de saúde criado no local em 1982. Hoje, aos sábados, a instituição promove reuniões com palestras, seguida pelo passe espiritual.

Segundo a presidente Maria Regina de Agostini, 74, que frequenta a Casa desde 1984, muitos procuram o centro em busca de ajuda material e permanecem pela necessidade espiritual. A Casa atende 400 famílias em dois pontos da Rua 1, na parte mais alta do morro, e outro na área mais abaixo, dedicado aos idosos e pessoas com dificuldade ou pouca mobilidade.

Católica devota, Maria de Jesus, 67, já trabalhou no centro e acompanha as reuniões há 39 anos. Explica que se sente acolhida pelo espiritismo e guarda com carinho a assistência que recebe mensalmente. “Frequento desde que me mudei para cá, foi a Casa que me ajudou a encontrar um lugarzinho para morar.

Sou católica e me sinto bem nas reuniões espíritas também, é uma benção ter sido acolhida aqui. Para quem tem mais de 60 anos, eles dão leite, é algo caro e faz muito bem para nós, sinto muita gratidão”, ressalta.

A moradora Myrian Cristóvão, 44, é secretária em Paquetá e estuda direito na universidade. Há 11 anos, ela se converteu ao budismo Nichiren Daishonin, vertente surgida no Japão do século 13, presente no Brasil há 63 anos. Ela conheceu a religião fora da Rocinha e ficou impressionada ao saber da existência de outros devotos na favela.

Criada em uma família do candomblé, Myrian foi batizada na igreja católica e fez a primeira comunhão. Porém, sentia que o catolicismo não preenchia mais as lacunas dela sobre as questões da vida. A estudante explica que a prática do budismo não tem um templo fixo. Os encontros ocorrem na casa dos participantes, que discutem sobre desafios cotidianos, e se organizam em ações que atendem a crianças e adolescentes da favela. “Os jovens daqui são cheios de potencial e por vezes têm dificuldade em enxergar isso. Procuramos mostrar perspectivas para eles, encaminhar e auxiliar nessa caminhada”, afirma.

FORÇA DA FÉ

Michelle Lacerda, 33, é umbandista e conta que usa a força da fé para ajudar os mais novos, ensinando a importância da ancestralidade, pilar da religião de matriz africana. Criada em um terreiro, ela frequentou um centro espírita por 12 anos, completou a primeira comunhão e participou de um

grupo de jovens católicos. Hoje chefia o templo de umbanda que herdou das mães Nicinha e Jurema. A manifestação da fé para ela nem sempre foi fácil.

Na adolescência, quando começou a andar de turbante e guias, sofreu com o preconceito das pessoas, que afirmavam ser “coisa do demônio” as vestimentas características do rito da umbanda. Por isso, a liberdade na expressão da fé é algo essencial para Michelle. Enquanto o filho menor de 7 anos participa ativamente dos encontros, o mais velho, de 15, não frequenta.

A maioria dos participantes do terreiro são jovens. Eles aprendem os ritos e participam de atividades, como do grupo de teatro e do cineclube. Michele afirma que a maioria dos devotos frequenta a igreja e também a macumba. A casa de umbanda também promove assistência social e durante a pandemia ofereceu entregas de cestas básicas e quentinhas.

Maria da Paz, 60, chegou na Rocinha em 1972, ano em que começou a frequentar a Paróquia Nossa Senhora da Boa Viagem. A paraibana migrou para o Rio aos 11 anos e construiu família no morro. Ela afirma que nem todos praticam a mesma fé e a liberdade religiosa é expressa no núcleo.

“Somos uma família de origem católica, porém após adultos, alguns migraram para o espiritismo ou evangelismo. Isso não abalou o amor e respeito entre nós”, ressalta.

Pedagoga, formada pela UERJ, Maria destaca a proposta religiosa em favelas, onde a diferença de necessidades é refletida na ação da igreja e das pessoas que a frequentam. Nas paróquias, há promoção de encontros para discutir as carências e posicionamentos que dão vida

a projetos, como grupos para a terceira idade e alcoólicos anônimos.

“Frequento a única Paróquia da Zona Sul que fica em uma favela. Por atendermos a uma população carente de serviços e demandas, agimos muito na assistência. Sou agente social e trabalho na região que cerca a Rocinha e com isso vejo diariamente a diferença das igrejas dentro e fora dela”, destaca.

PERFIL RELIGIOSO

Apesar da multiplicidade de religiões no país, o Brasil ainda é um país de maioria católica, segundo o IBGE (2010). Porém, os dados estão defasados. Segundo artigo do professor da Escola Nacional de Ciências Estatísticas, José Eustáquio Alves, as novas projeções revelam a presença católica reduzida para 49,9% em 2022, chegando a 38,6% em 2032. Enquanto a evangélica seria de 31,8% e 39,8% nas mesmas datas.

Essa possível transição religiosa no Brasil pode ser percebida na Rocinha. Há 40 templos evangélicos registrados no morro e apenas sete igrejas católicas.

Laiza Gomes, 64, é pastora da Igreja Metodista. Ela ressalta o papel da instituição para além dos cultos, como as aulas de costura oferecem uma fonte de renda à mulheres. A teóloga, acredita na importância de estimular conhecimentos que empoderem os moradores das favelas.

Apesar de não ser cria da Rocinha, Laiza destaca a liberdade religiosa que existe na favela e a enxerga na própria família. Para ela, as diferentes igrejas expressam a fé e o amor de formas distintas, mas com o mesmo intuito e legitimidade.

“Nasci em um lar evangélico, mas todos de igrejas diferentes. Fui batizada em uma igreja que não era a dos meus pais. Meus filhos foram batizados em um templo que não é o meu, eles não frequentam assiduamente os cultos. Acho que o ritmo acelerado da vida causa esse distanciamento, mas existem várias formas de expressar a fé, as igrejas na Rocinha são várias portas abertas”, opina.

FOTO: À ESQUERDA, PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM, SITUADA NA FUNDAÇÃO.

FOTO: NO MEIO, MICHELE LACERDA, 33 ANOS, NO TERREIRO.

FOTO: À DIREITA, 1ª IGREJA BATISTA, LOCALIZADA NA FUNDAÇÃO.



A VOZ DO PALHAÇO HAROLDO

“Vi as crianças nos celulares e descobri que ali acabou o palhaço”

Por Osvaldo Lopes



co Haroldo Avlis para assinar os poemas que fazia. “Haroldo é Haroldo sem a letra O e Avlis é Silva de trás pra frente”, explica.

Os poemas apareceram na vida dele após a perda precoce de um filho. A arte foi um caminho para superar o luto. “Mas a vida sempre me apontou para o caminho das artes, sempre me apareceu oportunidades neste sentido e eu fui de cabeça em tudo. Dirigi um grupo de teatro, atuei em duas peças e tenho vários shows na conta”, afirma o artista, que estudou até o ensino médio.

DE CAXIAS PRA ROCINHA

A relação com a Rocinha ganhou forças em meados dos anos 1980, quando Haroldo passou a dormir na casa de amigos na tentativa de evitar o cansativo deslocamento de até 35km para chegar em Saracuruna. Na Rocinha, a distância caiu e passou a ser de apenas 5km.

“Assim que cheguei na Rocinha fiz muitos amigos, tenho muitos até hoje, mas naquele tempo eu conheci um cara muito especial que sinto uma saudade absurda: o senhor Avelino da Silva que, na época, fazia a Rádio Katana. Com esse cara eu aprendi muito. Aprendi tanto que a profissão que ele me ensinou a ser, eu faço com orgulho até hoje”, conta emocionado Haroldo.

Entre os anos 1980 e a metade dos anos 1990, as rádios comunitárias dominavam o morro. Katana, Brisa Rio e a Rádio Rocinha alcançavam milhares de moradores através das caixinhas de postes e frequências AM.

Algumas destas rádios comunitárias existem até hoje. “Eu tinha um programa chamado “Momentos Culturais” às terças-feiras. Era 1h de música clássica... poderiam

ser clássicos da MPB e clássicos internacionais, era um sucesso total. Ganhei uma grana boa com locução também, na época, nem era o Real [a moeda], era Cruzado e Cruzado Novo”, brinca Haroldo Silva, mostrando os cheques antigos guardados em uma pasta de acervo dos trabalhos realizados.

A fama local transformou Haroldo Silva em um dos locutores mais conhecidos e disputados para trabalhos no Morro. Ele exercia a atividade de forma paralela junto com o trabalho de segurança na PUC-Rio, onde se manteve até 1995.

Por 18 anos, ele também foi o locutor oficial dos eventos na Acadêmicos da Rocinha, chegando ainda por um período a ser o vice-presidente do departamento cultural. Ele assistiu a escola, que antes se chamava Império da Gávea, crescer.

Haroldo apresentou shows na Rocinha com Steven B, Ivete Sangalo, Gilberto Gil, Banda Calypso, Leci Brandão, Dercy Gonçalves e outros 37 nomes, que trabalharam dentro e fora da favela, como nos palcos do Canecão, por onde também passou. Foi no teatro que Haroldo Silva criou o palhaço Haroldo.

Nos últimos anos, a roupa colorida e o nariz vermelho eram guardados para dar lugar à roupa vermelha de Papai Noel.

Na noite de Natal, ele descia o morro percorrendo os becos e ruas da Rocinha para desejar “Feliz Natal!” e entregar presentes. Foi parando aos poucos... até um dia parar de vez. “No natal sempre foi difícil pra mim. E eu deixava a minha família para cuidar

da família dos outros. Eu saía de casa 14h vestido de Papai Noel e saía pelo morro todo dando presentes”.

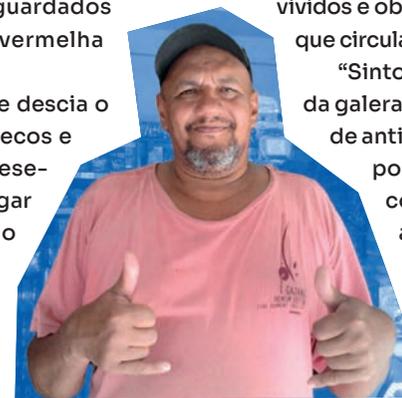
TRAUMAS DA PROFISSÃO

A vida de palhaço nunca foi fácil. O artista percebeu que havia chegado a hora de se afastar das festas após um acontecimento: “Quando chamei todo mundo para brincar, eu notei as crianças nos cantos, em grupinhos, tudo no celular. Descobri que ali acabou o palhaço. E antes quando eu chegava nas festas todo mundo já queria brincar e vinha correndo, mas esse grupo só me deu atenção quando eu perguntei ‘quem queria um celular’, aí todo mundo levantou”, relembra.

Para ele, a educação também mudou muito. “As crianças passaram a se tornar violentas, começaram a dar chutes na canela, puxar o nariz do palhaço e isso dói muito, física e emocionalmente”.

30 anos depois, Haroldo Silva agora dá atenção aos sete filhos de casamentos diferentes. Não faz mais festas, vive apenas de locuções comerciais. Com uma disposição que já não é a mesma de antigamente, restam apenas as lembranças dos bons momentos vividos e observar de longe os jovens que circulam pelos becos e vielas.

“Sinto falta dos amigos que fiz, da galera que já se foi, da Rocinha de antigamente. Havia respeito por tudo e por todos, muita coisa boa lá fora chegava aqui, e eu sou um dos poucos vivos que presenciei tudo isso. Hoje a molecada tá muito diferente, os tempos são outros”.



SE LIGA!

Quer se destacar na favela?

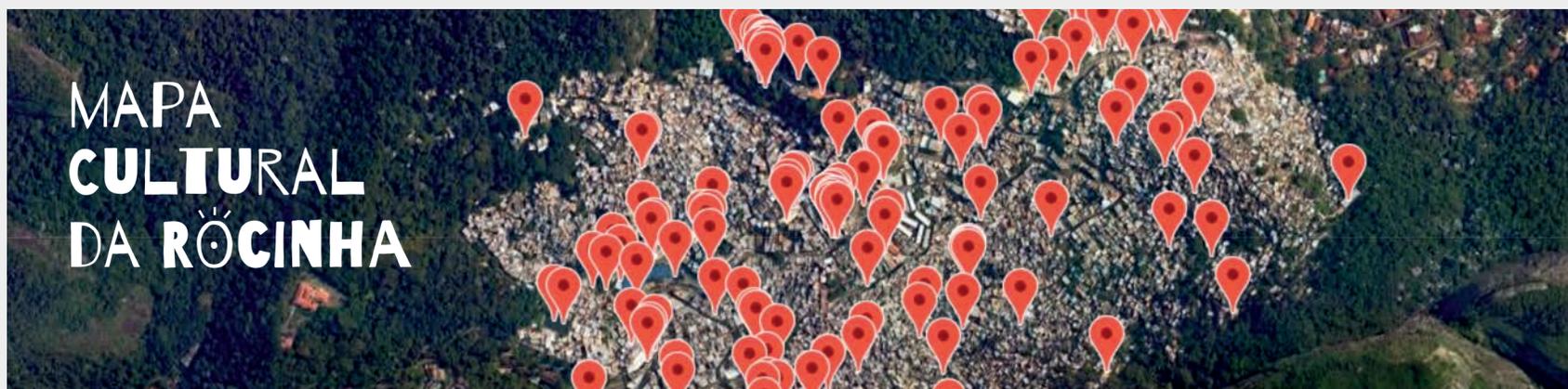
Anuncie Aqui!

FALECOM@FALAROCA.COM

PEGA A VISÃO

Quer se destacar na cena cultural da Rocinha?

Faça parte do Mapa Cultural da Rocinha agora mesmo!



Se você é um(a) produtor(a) cultural, artista, representante de coletivo, espaço ou instituição, não perca tempo!

Visite www.falaroca.com/mapa e coloque sua iniciativa no Mapa Cultural da Rocinha.

FALA
ROÇA

O Fala Roça
precisa do
seu apoio



APOIE AGORA

O Fala Roça precisa do seu apoio para continuar fazendo jornalismo.

Vamos juntos?

- > www.catarse.me/falaroca
- > Pelo QR CODE ao lado ou
- > pela chave PIX: apoie@falaroca.com

